

Reforma no ensino divide pais

PESQUISA MOSTRA QUE 41% ESTÃO A FAVOR E 49% CONTRA. HÁ QUEM FALE EM TIRAR O FILHO DA ESCOLA SE ELE FOR TRANSFERIDO PARA LONGE DE CASA

A reorganização da rede estadual de ensino divide a população da Grande São Paulo. Pesquisa realizada pelo **InformEstado** mostra que 41% estão a favor e 49% contra o projeto do governo do Estado, que vai separar os alunos por faixas etárias em prédios exclusivos. Metade acredita que a mudança vai melhorar o ensino, 34% admitem que implicará prejuízo na vida familiar e 27% acham que, dependendo do local para onde for transferido, o filho terá de abandonar a escola.

Foram entrevistadas, em ruas da Capital no dia 9 de novembro, 200 pessoas com filhos matriculados no 1º grau. Pelo menos 76% afirmaram conhecer ou já ter ouvido falar do plano governamental.

Embora 49% não concordem com a proposta, 70% avaliam que filhos ficarão mais protegidos da violência e das drogas. "Existe uma ambigüidade nos resultados", constata o professor Pedro Jacobi, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP). "Como o projeto é muito pouco democrático, as pessoas têm poucas informações e muitas dúvidas a respeito."

Para o deputado César Callegari (PMDB), da Comissão de Educação da Assembléia Legislativa, os porcentuais contraditórios revelam



Mães contra a mudança no ensino: protesto na escola

que as medidas propostas são extremamente polêmicas. "Os números mostram que o governo erra quando teme colocar seu projeto em debate público", comenta o deputado.

Para o presidente do Sindicato dos Professores da Rede Estadual (Apoeosp), Roberto Felício, o caminho para combater a violência não é a segregação dos estudantes. A Secretaria Estadual de Educação não quis se pronunciar sobre a pesquisa.

A reorganização atingirá, em 96, 70% das cerca de 6,7 mil escolas da rede. Até a semana passada, estava definido o destino de 5.200 estabelecimentos da Grande São Paulo e Interior e, desses, só 439 deveriam manter da 1ª a 8ª séries. As escolas foram mapeadas pelos delegados de ensino.

Em Catanduva, por exemplo, a reforma atingirá 97% da rede. Só a EEPG Coronel José Pedro da Mot-

ta, do Jardim Imperial, manterá classes de 1ª a 8ª série. O delegado José Murilo Farinazzo diz que ainda faltam ajustes na área central da cidade, que fica a 400 km da Capital.

Hoje, as escolas estaduais vão parar para que a comunidade possa conversar com a direção e conhecer o projeto, cujo principal objetivo é o aperfeiçoamento do processo pedagógico, se-

gundo a Secretaria da Educação. Mas o professor Jacobi, que é especialista em políticas públicas, acha que a melhoria da qualidade de ensino passa por outros trilhos, como a valorização do magistério, favorecendo seu aperfeiçoamento e pagando melhores salários.

"Esta é uma visão pretensiosa, prepotente", diz. "Não há experimentos comprovando que o ensino melhora quando alunos são separados por faixas etárias." Em sua opinião, o projeto não poderia ser colocado massivamente, submetendo as famílias a um constrangimento não calculado. Jacobi não acredita que os problemas da educação serão resolvidos em São Paulo. "Não há soluções milagrosas", argumenta. "Não houve discussões, nem acadêmicas, é uma decisão puramente tecnocrática."

Rosa Luiza Baptista

Itamar Miranda/AE-9/11/95